



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - BATUQUE: A HISTÓRIA DE UM POVO / 9

CAPÍTULO 2 - O BATUQUE E O TERREIRO / 13

CAPÍTULO 3 - CUMPRIMENTO DAS OBRIGAÇÕES / 17

CAPÍTULO 4 - RITUAIS E PRÁTICAS / 21

DOUTRINA E PALESTRAS / 21

INVOCACÃO E SAUDAÇÃO AOS ORIXÁS / 23

O QUE REPRESENTA CADA MOMENTO DO BATUQUE / 25

REPRESENTAÇÃO DOS ORIXÁS

NA CERIMÔNIA DO BATUQUE / 42

CAPÍTULO 5 - RITOS ESPECIAIS / 45

A CERIMÔNIA / 45

BATIZADO / 47

CASAMENTO / 47

O PRESENTEAR / 48

O APRONTAMENTO / 49

LIBERAÇÃO DO ORIXÁ / 50

O ALÁ / 51

O ECÓ / 51

A BALANÇA PARA O ORIXÁ XANGÔ / 52

AJOELHAR-SE / 52

BATER CABEÇA / 52

INTERVALO 53

DOCES 53

PERFUMES E ESPELHOS 53

CAPÍTULO 6 - TRANSE E POSSESSÃO / 55

POSSESSÃO / 58

QUEBRAR O ORIXÁ / 58

A SUBIDA / 59

AXÊRO / 59

O TABU / 59

CAPÍTULO 7 - ARQUÉTIPOS / 61

CAPÍTULO 8 - DIAS DA SEMANA DESTINADOS A CADA ORIXÁ / 63

**CAPÍTULO 9 - FERRAMENTAS E OUTROS ELEMENTOS
DOS ORIXÁS / 65**

VELAS, CORES E APLICAÇÕES / 66

CAPÍTULO 10 - PARTICIPANTES DO BATUQUE / 69

O TAMBOREIRO / 69

A ASSISTÊNCIA / 70

O MÉDIUM / 70

O INICIADOR / 71

O INICIADO E O FILHO DE SANTO / 72

CAPÍTULO 11 - CURIOSIDADES DE CADA ORIXÁ / 73

CAPÍTULO 12 - COMIDAS DE SANTO / 79

CAPÍTULO 13 - REZAS / 91

GLOSSÁRIO / 119

ORIXÁS - ILUSTRAÇÕES / 121



CAPÍTULO 1

BATUQUE: A HISTÓRIA DE UM POVO

O povo africano chegou ao Brasil através do processo da diáspora negra, oriundos de diversas regiões do continente africano. Nessa viagem, trouxe sua cultura a qual se somaria às outras já existentes no país, constituindo, com esta variedade de elementos, as religiões de matrizes africanas.

Entre 1525 e 1851, mais de 5 milhões de negros foram trazidos para nosso país na condição de escravo. Nesse número, não estão contabilizadas as mortes ainda em solo africano, resultado da violência da caça escravista, óbitos durante a travessia oceânica em condições sub-humanas, tampouco o contingente que entrou ilegalmente na colônia após a proibição do tráfico negreiro.¹

A caça de escravos ocorria onde a captura fosse mais fácil e em locais de embarque mais rentável. Para dificultar a comunicação entre os prisioneiros, evitando eventual resistência do grupo, era comum misturar pessoas vindas de diferentes tribos para compor a “carga” de escravos.

¹ PRANDI, REGINALDO. De africanos a afro-brasileiros: etnia, identidade, religião.

Na tentativa de apagar as lembranças da terra-mãe, era imposto aos negros escravizados um ritual chamado de Árvore do Esquecimento, que consistia em dar voltas ao redor de uma árvore antes da partida, acreditando-se que isso os faria esquecer suas memórias. Além da Árvore do Esquecimento, ocorria o batismo cristão, com troca dos nomes e também a demonização das práticas africanas. Todas estas tentativas de desmemorização não foram suficientes para impedir que a cultura africana chegasse ao Novo Mundo, sendo reconstituída ao longo do tempo em seu universo simbólico fragmentado pela escravidão.

A família foi uma das primeiras noções que esses grupos escravizados reconstruíram, norteados pelo conceito da palavra malungo. Essa expressão em banto – conceito criado em 1860, por Bleck, classificando um conjunto de mais de 2000 línguas – significa “aquele ou aquela que veio junto”, ou seja, indivíduo com grau de parentesco. Além disso, a religião também se fez presente nesse processo de reconstrução familiar, embora os registros oficiais de culto organizado de origem africana datem do final do século XIX, é provável que no século XVI já existisse a vivência do sagrado.²

Existem, somando nessa recuperação da família, momentos ou espaços recriados pelos africanos, onde as tradições, a memória e a identidade eram resgatadas. A essas manifestações, no Rio Grande do Sul, conforme relatos de documentos a partir do século XVIII, deu-se o nome de Batuque. Embora não haja dados específicos quanto à origem, local, época e circunstâncias dos núcleos iniciais, a pesquisa a partir de documentação escrita (testamentos, jornais da época, relatos policiais), bem como pesquisa de campo (manifestações culturais negras e história oral) oferecem pistas a respeito da origem do Batuque. Assim, é a partir desses estudos que se faz possível reconstruir a história do culto no Rio Grande do Sul.³

² SOUZA JÚNIOR, WILSON CAETANO (Org). Nossa raízes africanas. São Paulo. 2004. 1ª edição.

³ CORRÊA, NORTON F. O Batuque no Rio Grande do Sul-atropologia de uma religião afroriograndense. Editora Cultura & Arte, 2006. 2ª edição.

“...tudo indica que os primeiros Terreiros de Batuque foram fundados na região de Pelotas e Rio Grande. E quanto ao mito fundador, há duas versões correntes: uma que afirma ter sido uma mulher, vinda diretamente de Recife, outra que não associa a um personagem, mas a etnias africanas que o estruturaram enquanto espaço de resistência simbólica.” (Ari Oro)

A presença do Batuque é confirmada na região de Pelotas e de Rio Grande desde o início do século XIX. Esse dado é resultado de uma ampla pesquisa em jornais pelotenses da época, feita pelo historiador Marco Antonio Lírio de Mello. As Terreiras nessa zona se justificariam pela grande concentração de negros – em geral, sudaneses – envolvidos na atividade local das Charqueadas. Quando se iniciou o processo de declínio dessa atividade, meados de 1850, essa mão-de-obra escrava foi deslocada para outras cidades, entre elas, Porto Alegre. A cidade estava em crescimento, apresentando-se como um mercado de trabalho urbano bastante rico em oportunidades, atraindo também, muito provavelmente, negros livres.

Na cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX, a concentração do maior contingente de negros ocorria nos arredores da cidade, no Areal da Baronesa, onde hoje se localiza o bairro Cidade Baixa, e ainda nas chamadas colônias africanas e “bacia”, atuais bairros Bom Fim, Rio Branco e Mont’Serra. Com o crescimento cada vez maior da cidade, houve também um aumento das Casas de Batuque. Atualmente, o culto é bastante difundido pelo estado, e também nas regiões vizinhas como Uruguai e Argentina.⁴

Existe uma suposição de que, nessas Terreiras de Batuque, a primeira a comandar teria sido uma mulher. Há dúvidas, ainda, se seria brasileira ou africana – vivendo há algum tempo no país – e presunção de que não era escrava, pois o Batuque apresenta muitas semelhanças com outros cultos afro-brasileiros. Ainda dentro dessa

⁴ ORO, ARI PEDRO. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente.

teoria, sugere-se que essa figura seria do Xangô Recifense, uma vez que existem similaridades do Batuque com o culto no Recife.

Nos Templos do Rio Grande do Sul, percebe-se ainda a presença da cultura Jêje, que talvez tenha sido introduzida simultaneamente ao Batuque. Indício disso é o lendário Príncipe Custódio, membro da família real Ajudá, na República de Benin, de cultura Jêje. A dominação inglesa na sua região de origem seria o motivo que o trouxe ao Brasil. Adotando o nome de José Custódio Joaquim de Almeida, estabeleceu-se no bairro da Cidade Baixa, local em que comandava uma “Casa de religião”. Em uma vida de conforto, sustentado por uma pensão do governo inglês, mantinha convivência com a elite branca da cidade de Porto Alegre. Historiadores relatam que Príncipe Custódio influenciou o Batuque. Existem depoimentos de pessoas que o conheceram, afirmando que ele teria sido “pai-de-santo” do governador Borges de Medeiros.

Dessa maneira, apesar do pequeno número de sudaneses, o Batuque se manteve em função da sólida estrutura e do alto nível de articulação interna do modelo Jêje-Nagô, bem como da participação de um grande número de pessoas não sudanesas. O Batuque, por ter cooptado negros de diferentes origens étnicas, atuou como importante fator de identidade para a população negra urbana do Rio Grande do Sul.⁵

⁵ CORRÊA, NORTON F. (idem nota 3)